

JORNAL DO CONSERVATORIO.

N.º 10.) *Publica-se todos os Domingos.* (Fev. 9, 1840.)

JORNAL do Conservatorio.

Continuando a dar, segundo promettemos, os Pareceres das Comissões do Conservatorio ácerca dos dramas a elle submettidos, transcrevemos em seguida, e na sua íntegra, o que sobre o drama *D. Sisnando* foi apresentado pela respectiva Comissão, sendo esta a terceira produção dramatica que ao Conservatorio concorreu, merecendo ser admittida ás provas publicas depois de convenientemente modificada per seu auctor.

PARERER.

▲ Comissão encarregada de dar o seu parecer sobre o Drama = *D. Sisnando* e additamentos (sob n.ºs 1, 23), cujo auctor José Freire de Serpa Pimentel, renunciando o beneficio, que lhe facultava o Edital de 26 de Fevereiro ultimo, art. 9.º, o submetteu ao Conservatorio, sem occultar o seu nome; — respeitanto o relevante merecimento do Sr. Freire, não pôde comtudo deixar de aventurar algumas observações ácerca das circumstancias do feito principal, que constitue a Acção do Drama; e de notar alguns versos que lhe pareceram menos proprios ou convenientes.

A Comissão atreveu-se a tanto, confiada, em que este joven litterato folgará de que alguém o advirta quando, *nos vóos d'aguia, vai correndo*, deslembado da terra, em extasi arrebatado *pela região sublime dos astros...*

A Comissão espera igualmente do Conservatorio aquella benevolencia, que a sua generosidade e justiça não deixarão de prestar a julgadores, a quem sómente a sorte impozera o difficil encargo de avaliar e decidir de prompto o que um ingenho raro meditára e compozera mui d'espago.

Uma desgraçada intriga amorosa entre *D. Sisnando* e a *Virgem de Cordova*, constitue a Acção d'este Drama. O feito é puramente ex-

tra-historico. Não succede todavia o mesmo com os diversos acontecimentos politicos, que abi se narram; com diferentes nomes de localidades se citam, com muitas das personagens, que figuram na scena; e com seus nomes, usos e caracteres; pois tudo colhi (assim se exprime o auctor) das *Chronicas Nacionaes e Castelhanas*, que se referem áquella época.

A Comissão, cingindo-se a esta declaração do proprio auctor, leu e examinou o Drama: — n'este exame, para o qual se reconhece destituida de cabaes conhecimentos, que abundam em outros mui dignos Membros d'este Jury, — mal podia regular-se pelo montão de leis variaveis, que os diferentes genios offerecem, como typo do bom gosto, como modelos d'esta especie de composições: — e por isso limitou-se a considerar a unidade da Acção principal; e a verisimilhança, ou verdade dramatica, de suas companheiras.

Com effeito, a manifestação dos amores de *D. Sisnando* e da *Virgem de Cordova*, é como um grito de alarma, que se alevanta entre *D. Sisnando*, os Ricos homens de Coimbra — e os da Religião de Mafoma. Estes amores descobertos no 1.º Acto; — são contrariados fortemente no 2.º, e no 3.º Acto vão acabar inutilizados com a morte de ambos os amantes; sem que deixem de concorrer para toda esta acção mui enredada, como para um centro, os empenhos variados das personagens, que figuram na Peça.

A Acção dura por espago de dous dias, no meiado do século undecimo e fins do reinado de *D. Fernando Magno*, de Castella. E, porque *D. Sisnando* deixou de existir em 1091, já quando devêra de estar adiantado em idade; — o Poeta fal-o morrer muito antes, para que possam ter logar na época da sua morte, as paixões energicas e violentas, que queria descrever então, sem deslocar os feitos mais memoraveis da sua vida.

Assim trouxe a figurar *anticipadamente* no Bispado de Coimbra, o Bispo *D. Paterno*; — o qual só depois do anno de 1064, é que vejo effectivamente governar aquella Diocese, reinando *D. Afonso VI*.

Ora, se este anachronismo pôde dizer-se dentro da alçada da Poesia Dramatica, tendo esta a liberdade de recuar a época, em que teve ou podia ter logar a existencia simultanea do Conde D. Sisnando e do Bispo D. Paterno: a Comissão não ousa pronunciar com a mesma indulgencia a respeito da simultaneidade de D. Paterno como Bispo de Coimbra e de D. Fernando Magno; porque no seu reinado não conseguiu a vinda de D. Paterno para Coimbra.

OBSERVAÇÕES?

Pag. 20. Acto 1.º Scena 3.ª no fim. (D. Egas.)

Muitos azos
De consentir em tal não lhe hei eu visto,

Não combina isto com o que se tem passado anteriormente com D. Sisnando; inculcando o mesmo D. Egas uma perfeita ignorancia dos amores, quando D. Sisnando lh'os declára.

Pag. 21. Scena 4.ª (D. Sisnando.)

Dom Ruy Dias,
Dize ao Bispo....

Esta ordem mais conviria dal-a a outrem que não a D. Ruy; — e talvez concebê-la n'outros termos?.... — (D. Ruy não disse a que alli viera?!...)

Pag. 22. Scena 5.ª

A entrevista logo ao principio devia ser cheia de surpresa da parte da Virgem, apenas reconhece em D. Sisnando o Pagem da Floresta.

Pag. 23. (Virgem de Cordova.)

Seu amor transmudou n'um odio eterno

Não se compadece com

Pag. 24.

Ficou meu coração surpreso e quêdo,
(E seguintes.)

(Pag. 29. (D. Sisnando.)

E se o Mundo desejas, co' este ferro,

Punhal é o ferro, de que está armado o Conde: com tal arma não é que um heróe deve pretender conquistas. Deverá reassumir a sua espada vencedora, que havia deposto.

Scena 6.ª

Um pagem annunciando o Bispo é improprio; e mais improprio parece, fazer a sua introdução. Seria mais conveniente, que o Bispo viesse á scena acompanhado, ou introduzido á Condeça, por D. Sisnando, que n'a Scena 6.ª disse:

Irei á gelosia do palacio
Fazer subil-o (o Bispo) presto;

Mas depois apparece o Bispo só introduzido por um pagem.

Pag. 33. Scena 10. (D. Sisnando.)

Dom Paterno,

És muito descortez.

Parece menos cortez esta reprehensão e mui injusta. Como havia de adivinhar o Bispo, que alli estava aquella cathogoria, que a occasionava? = Uma Condeça?!...

Pag. 36. (O Bispo.)

Senhor, decorre o tempo,
Revela-se o sigilo.....

Em vista do que se lê, a pag. 20, já não ha sigilo.....

Pag. 42. (D. Sisnando.)

Ismar, serás dos nossos n'este dia, &c.

Não parece verisimil, que Sisnando, depois dos ameaços d' Ismar, o convidasse para assistir ás Festas; e menos, que, accetando elle, e deixando-lhe Sisnando livres os Paços, se não arreceiasse bastante para precaver-se contra suas mui provaveis intrigas e opposições?!...

Scena 13. no fim.

..... Vamos, Condeça.

Esta retirada de ambos; sua ausencia da Scena por uma noite, e debaixo do mesmo tecto, gera suspeitas, de que os Espectadores costumam murmurar, e que a mór parte, em boa moral de hoje, condemna. Talvez que nos Palacios então se não exigisse tanto e d'uma Escrava?!...

Pag. 49. Acto 2.º Scena 1.ª (O Sachristão-mór.)

Juro.

Neste juramento (pela lei de Christo) extorquido a punhal, nem o Sachristão está comprometido, — nem Ismar deve confiar. E admira, que ausente de Ismar, o Sachristão ainda tema o seu punhal; — e em nada tenha a traição que commette, ou as vinganças de D. Sisnando?!...

Scena 3.ª (Ismar.)

Vê-a? (a bolsa.)

(A Escrava.)

Basta. (Vai-se.)

Que certeza tem Ismar de que a Escrava cumpra seu mandado? Entrega-lhe ella acaso o retrato de D. Sisnando? Este retrato é, com effeito, apresentado na penultima scena do 3.º Acto por o Moiro Osman, para o desenlace da Acção. — Logo é necessario imaginar, que Ismar, quando sae da Sé — pag. 55 —; vai encontrar-se com Osman e com a Escrava para certificar-se da execução da incumbencia, que lhe dera, e que de tudo dá tambem conhecimento ao Abbade de Lorvão; — sem o que este não poderia produzir contra a innocencia da Virgem, o que diz do *punhal* (a pag. 75 verso 15.º) e do *retrato* (a pag. 76 verso 1.º)

Porém, supposta esta entrevista fóra da Scena, como é forçoso que tenha havido, — para que foi obrigar violentamente o Sachristão a ir levar uma Carta ao mesmo Abbade; e tan-

to mais quanto era de temer que elle lá não fosse?... — (pag. 50.)

Pag. 64. (D. Sisanando.)
Paterno Bispo, eia.

Não pôde verificar-se a convenção de pag. 37. Logo o primeiro movimento do Conde para com o Bispo, deve ser da maior admiração, pol-o não achar revestido e conformemente ao determinado no dia anterior?...

Pag. 75. Scena 13. (Idem.)
(O Abbade de Lorvão.)

D. Sisanando, se um ferro de Agarenos,
Lhe encontrares no seio co' este distico: &c. &c.

Nada mais inverisimil!.. A Virgem forçada da necessidade, no dia antecedente occultára em seu seio o punhal (que Osman lhe entregára) para que o não visse D. Sisanando, que n'esse momento entrára; mas depois que se retirou da scena, que dormiu, e de novo se vestiu ricamente para as Benções, e não tinha intenção de se servir d'elle contra D. Sisanando, como se ha de acreditar, que ainda o traga no seio?... A' Sé?... E para que?..

Não é menos digna de admiração a temeridade, com que o Abbade asseverou não só a existencia do punhal; mas a do retrato em um seio, que lhe era defêzo, quando estes objectos alli não foram guardados á sua vista; e, mesmo quando lh'o dissessem, não deveria levemente acreditar-o!.. Era inverisimil e improvavel tudo!..

Pag. 119. Acto 3.º Scena 8.ª (Osman.)
Esse punhal, que tens e que por força
A Virgem entreguei, este retrato, &c. &c.

Já se disse, quanto basta, a respeito d'este punhal. Em quanto ao retrato: não deixa de haver alguma dureza n'esta substituição, feita *impunemente*. Quando se põe ao peito, quando se guarda no seio, de todo escapa ás vistas um retrato já não *imberbe*; mas de um *Moiro*!!!!...

Pag. 120. (O Bispo.)
Encostai-vos, Senhora, nos meus braços.

Não fôra melhor, que a Virgem caísse nos braços d'outrem? D'alguema Creada, Dama, ou &c.?

Este 3.º Acto está qualificado pelo proprio auctor no seu Prologo. Se alguém ha, que o não ache excessivamente pezado; que possa sofrer, sem violentissima impressão, tamanha serie de scenas cruentes, melancolicas e terriveis; se a imaginação do auctor não embéida no fogo das mais exaltadas paixões, para as fazer representar pelas differentes personagens, cre, que elle é uma consequencia necessária do que se tem passado nos dous primeiros Actos; — é mister convir, que este estado extraordinario se protrahe por um espaço demasiado longo; e

que sua intensidade incómodará necessariamente a mór parte dos Espectadores a ponto de banir-lhes a persuasão; e violentará os Actores a maiores esforços do que é possível comportar a força humana!?...

A Commissão, em fim, notou alguns versos, que lhe pareceram menos proprios ou convenientes. E, com quanto diga o Auctor, que um Drama deve de ser profusamente abundante d'esta variedade de Poesia, — *áspera e rude ás vezes; muitas descuidada e nem sempre fluida e melodiosa*; no que a Commissão de certo modo convém; todavia, como a Poesia deve pintar o pensamento por maneira que elle se insinue facilmente no coração; e o ouvido é quem primeiro o avalia; — onde esta insinuação não foi tão prompta ou agradável ou persuasiva, como parece, que convinha, os Membros da Commissão a accusaram; e notaram na Peça com *N.B.* — Ao passo que isto dizem do seu proprio conceito; talvez que a outros o mesmo não pareça; e n'este caso o Conservatorio pôde fixal-o; pois abunda em Juizes illustrados na materia.

CONCLUSÃO:

Como todas estas observações e notas exijam apenas mui facéis correções, que o Auctor por certo fará sem custo, a Commissão é de parecer que o Drama D. Sisanando reconsiderado e retocado merecerá ser exposto ás provas praticas; e espera, que muito contribuirá para accrescentar mais fama ao nome distincto do Senhor Freire; e ao nosso Theatro dará mais uma excellente producção do seu genio.

Lisboa: Secretaria do Conservatorio: 8 de Junho de 1839.

Agostinho Albano da Silveira Pinto.
Conde de Mello.
José Ferreira Pestana.

PROLOGO DO DRAMA

RUY BRAZ,

Por Mr. Victor Hugo.

(CONCLUSÃO.)

Se o duplicado quadro que acabamos de desenharmos se offerece na historia de todas as monarchias em um dado momento, é especialmente em Hespanha que elle se deixa ver em toda a sua luz pelos fins do septimo século. Se o auctor houvesse pois chegado a executar essa porção da sua idéa no seguinte drama, o que está bem longe de suppôr, a primeira metade

da nobreza hespanhola dessa época se resumiria em D. Salustio, a segunda em D. Cesar, parentes ambos como convêm.

Neste esboço que traçamos da nobreza castilhana em 1695, deve entender-se que não incluímos as raras e respeitaveis excepções. — Por sigamos.

Continuando a examinar essa monarchia e essa época, abaixo da nobreza assim dividida — e que poderia até certo ponto ser personalisada nos dous homens que nomeámos — vê-se no fundo pollular alguma cousa, porém sombria, grande, desconhecida. E' o povo. O povo, que possui o futuro sem possuir o presente; o povo, orphão, pobre, intelligente e forte; collocado muito baixo, e aspirando a quanto ha de mais elevado; marcado nas costas com o ferrêde de escravo, e tendo no coração as premeditações do genio; o povo, servo dos grandes, e amando, em sua miseria e abjecção, a unica figura, que, no meio dessa alluida sociedade, lhe representa com divino esplendor a auctoridade, a fecundez e a charidade. O povo seria *Ruy Braz*.

Agora, acima desses tres homens, que, desta maneira considerados, dariam vida e movimento ante os olhos do expectador, a tres factos, e nesses tres factos a toda a monarchia hespanhola no século decimo-septimo, acima destes tres homens ha uma pura e luminosa creatura, uma mulher, uma rainha. Mulher desaventurada, porque existe como se não tivesse marido; rainha infeliz, porque vive como se não tivesse rei; debruçada para os que lhe estão inferiores por benevolencia real e porventura tambem por feminil instincto; olhando para baixo, em quanto *Ruy Braz*, o povo, olha para cima.

Na opinião do auctor, e sem prejuizo do mais com que as personagens accessorias podem concorrer para a verdade do todo, essas quatro figuras assim em grupo resumiriam os principaes relêvos que aos olhos do historiador philosopho offerece a monarchia hespanhola de ha cento e quarenta annos. Pareceria que o rei Carlos II se poderia ainda juntar ao grupo. Mas, na historia, bem como no drama, Carlos II d'Hespanha não é mais que uma sombra.

Cumpra agora advertir que o que se acaba de ler não é a explicação de *Ruy Braz*. E' simplesmente um dos seus aspectos. E' a impressão particular que este drama, se valesse a pena de ser estudado, deixaria na mente grave e conscienciosa que o examinasse, por exemplo, em relação á philosophia da historia.

Este drama todavia, por pouco que seja, tem, como todas as cousas d'este mundo, mui variados aspectos, e pôde encarar-se de muitos outros modos. Uma idéa pôde appresentar diversas apparencias, bem como uma montanha:

dependem ellas do logar em que se esta collocado. Releve-se-nos uma comparação infinitamente ambiciosa, que fazemos só por dar maior clareza a esse nosso pensamento: O *Monte-branco* visto da *Cruz-de-Flechêres* não se parece com o *Monte-branco* visto de *Sallenches*; e não deixa por isso de ser o mesmo.

Similhantermente (descendo do grande ao mesquinho) este drama, cujo sentido historico acabamos de indicar, se ostentaria bem diverso considerando-o de maior altura, de um ponto de vista puramente humano. Então D. Salustio seria o egoismo absoluto, o roedor cuidado; D. Cesar, seu contrario, representaria o desinteresse, e em *Ruy Braz* ver-se-ia o genio e a paixão comprimidas pela sociedade elevando-se tanto mais alto quanto mais violenta é a compressão; finalmente, a rainha seria a virtude murchada pelo desgosto.

Considerado só litterariamente, o aspecto desse pensamento, que ha nome *Ruy Braz*, ainda muda. Ahi poderiam personalisar-se e resumir-se as formas soberanas da arte. D. Salustio seria o drama, D. Cesar a Comedia, *Ruy Braz* a Tragedia. O drama enlaça, a comedia eurêda, a tragedia desfeixa a acção.

São justos e verdadeiros todos estes aspectos, nenhum delles todavia é completo. Só no seu todo é que a obra appresenta a verdade absoluta. Com tanto que todos nella deparem o que buscam, terá o poeta (e não ousa esperal-o) conseguido o seu fim. O assumpto philosophico de *Ruy Braz*, é o povo aspirando a elevar-se ás altas regiões; o assumpto humano, é um homem que ama uma mulher; é o assumpto dramatico, um laçao que adora uma rainha. As turbas que todas as noites concorrem em chusma ante esta producção, porque nunca em França a attenção pública se nega ás tentativas do espirito, quaesquer que ellas sejam, as turbas, repetimos, não vêem em *Ruy Braz* senão este ultimo assumpto, e bem dramatico, — o laçao; e não é sem razão.

E o que acabamos de dizer ácerca de *Ruy Braz* nos parece de evidencia considerado em outra qualquer producção. As obras venerandas dos mestres appresentaram a singularidade de offerecerem á estudiosa investigação mais faces do que outras quaesquer. Tartufo, em quanto faz rir a uns, faz tremer outros. Tartufo é a serpente domestica; ou já o hypocrita; ou antes a hypocrisia: homem ou idéa alternativamente. Othello, para uns, é um negro que ama uma branca; para outros um homem de fortuna que chegou a casar com uma Patricia; para estes é um zeloso; para aquelles, o ciume. Esta varia maneira de ver nada tira á unidade fundamental da composição. Já em outro logar dissemos: „ Mil ramos em um só tronco. „

Se o auctor insistiu particularmente na si-

gnificação historica do *Ruy Braz*, a razão é que, polo sentido historico (e unicamente por elle) *Ruy Braz* se apparenta com *Hernani*. O grande facto da nobreza se ostenta, em um e outro drama, a par do grandio facto da realza. Em *Hernani* como a realza absoluta está em ser, a nobreza, meia feudal, meia rebelde, lucta ainda contra o rei armada de orgulho, ou com a espada. Em 1519 vive o senhor nas montanhas longe da corte, já bandido como *Hernani*, já patriarcha como *Ruy Gomes*. Duzentos annos depois vê-se o contrario. Eis os vassallos já feitos cortezãos. Então si alguma vez urge ao Senhor esconder seu nome, é polo receio dos credores, que não por medo do rei. Outr' hora tornar-se ía bandido, hoje faz-se vagabundo. — Conhece-se que a realza absoluta passou durante largos annos per sobre essas nobres frontes, curvando umas, despedaçando outras.

E demais disso, permitta-se-nos esta ultima palavra, entre *Hernani* e *Ruy Braz* dous séculos da Hespanha estão engastados; dous grandes séculos dentro dos quaes coube á descendencia de Carlos-Quinto dominar o mundo; dous séculos a que a Providencia, — cousa pasmosa, — não quiz dar nem mais uma hora, pois que nasceu Carlos-Quinto em 1500, e Carlos II morreu em 1700. — Em 1700 herdava Luiz XIV de Carlos-Quinto, heu como em 1800 Napoleão herdava de Luiz XIV. Estas grandes apparções de dynastias que illuminam per momentos a historia, são para o auctor um bello e melancolico espectáculo em que bem vezes seus olhos se repousam; e delle tenta reproduzir alguma parte em suas obras. E' por tal arte que escolheu para *Hernani* o esplendente fulgor de uma aurora, e para *Ruy Braz* as trévas de um crepusculo. Em *Hernani* vê-se o sol da casa d' Austria despontar no oriente; em *Ruy Braz* vê-se affundir no occaso.

París 15 de Novembro 1838.

RUY BRAZ

O SEU PROLOGO.

Desde que appareceu o bello prefacio do Cromwel, causando tão profundas emoções, e levantando tempestades tão violentas, ninguem ha que ignore, quanto os prologos dramaticos de Mr. V. Hugo são paginas admiraveis em que o pensamento e a imaginação discortinam horizontes immensos e magnificos, largas perspectivas, pontos de vista soberbos, e donde se appropria ousadamente a arte e o mundo intellectual. — E todavia nem sempre corresponde a

obra ás brilhantes theorias do prefacio. Cuidáras (para nos servirmos d'uma imagem do mesmo V. Hugo no seu prefacio) cuidáras ver as altivas cumiadas do Monte-Branco, que de longe, pela nebrina e indeciso alvorecer, apparecem fluctuantes e gigantescas; e que simêlham abaixar-se á medida que o dia radiante, affugentando as nevoas, alumia com maior fulgor as voltas da montanha, o concavo dos valles, o profundo dos abysmos, e esses negros bosques de pinheiros que parecem querer elevar-se até ao ceu. E se para ellas vamos caminhando então vemos diminuir as alturas, fechar-se com desigual estreiteza o horisonte, os espaços serem menos largos e luminosos, as quebradas e precipicios mais frequentes; mas sempre em torno uma natureza potente, rica, variada e com um vigor de côres desconhecido n'outras partes!

Em geral taes são os dramas de V. Hugo vistos ao clarão mágico de seus prefacios (e tal é *Ruy Braz*); falaremos delle: consideramolo aqui menos como peça de theatro, que como um livro, uma obra litteraria que merece estudar-se profundamente.

Ruy Braz é o irmão mais novo de *Hernani*: — offerecera-nos este a aurora da casa de Austria na Hespanha, e os nascentes fulgores da monarchia hespanhola, cujo foco era Carlos V: — *Ruy Braz* pretende mostrar-nos o crepusculo desta mesma casa, e nos appresenta o quadro da agonia e desfallecimento daquella monarchia. — Concedemos que o primeiro represente o pensamento de V. Hugo, mas em o segundo não podemos achar uma pintura larga e fiel dos principios e interesses diversos que luctam ao desmuronarem se as monarchias. Parece, que V. Hugo estendeu tão desmesuradamente o horisonte que por ventura a mui poucos será dado enxergar mais do que perspectivas phantasticas ou enganadoras, como a miragem.

Criticos francezes de grande vulto, mas não, pela nossa opinião, de mui grande imparcialidade, entre outras censuras, negam que *Ruy Braz* tenha alcançado o fim historico-philosophico que se alardêa no prologo. — E' verdade que não é facil achar no drama tam visivelmente escripta, como muitos requeriam, e o seu auctor indica, a historia de todas as monarchias no seu occaso: — é verdade que os tres principios — a nobreza que se divide, o povo que concebe esperanças e encára o poder, e este que ainda domina o povo e a nobreza, não se pôdem ver muito distinctamente personificados em D. Salustio e D. Cesar, em *Ruy Braz*, e em D. Maria de Neubourg; mas devemos lembrar-nos que, com quanto sejam longinquas e nebulosas perspectivas, a vista d'agua do poeta as abrangue e appropria talvez, tendo só a culpa, — digna por certo de indulgencia, — de medir pelo aéreo de seu espirito o

espírito dos espectadores e criticos. E' esta por ventura a razão porque a idéa social e philosophica do Ruy Braz não apparece tam clara e distinctamente, como muitos pretendiam.

Entretanto (confessamol-o humildemente) somos nós desses a quem não é dado descortinar sufficientemente o alto e profundo pensamento moral que, segundo V. Hugo, domina o drama. Encerrar-se-ha elle porventura, em que a ambição no amor (Ruy Braz) cega, e deita a perder o homem, como o faria a ambição interesseira? — Em que o egoismo frio e cruel, animado pelo espirito da vingança (D. Salustio) cáe muita vez nos laços infernaes, que elle mesmo armou? — Em que a virtude da mulher *murchada de desgosto* succumbe infallivelmente ao primeiro ataque, ao primeiro amoroso sacrificio? — Destas questões as duas primeiras são verdades tão sentidas e communs, que talvez não fosse necessario leval-as a uma applicação dramatica; e a ultima é simplesmente falsa, e tanto, que até seria proclamar um erro funesto e immoral.

O que ninguém poderá negar a V. Hugo, ainda a despeito da *Revista dos Dois-Mundos*, é que o seu drama é um bellissimo drama litterario. — Repugnam-vos esses amores de uma rainha com um lacaio? — mas attentáe, que D. Maria de Neubourg não ama o lacaio, mas o nobre Duque d'Olmêdo, o primeiro ministro, que ella quiz elevar até fazel-o senhor do seu coração e do seu conselho! O poeta bem conheceu que seria monstruoso, disforme, e ignobil o amor de uma rainha para um lacaio. — Mas nesse caso que é da originalidade? dizeis vós: — vêde porém que essa descommunal e atrevida idéa não deve, não pôde perder a originalidade por ser apresentada com tanta decencia, e tão convenientemente revestida.

Tambem nos não conformamos com a opinião dos que julgam o character da rainha pouco sustentado; pois que desejavam que ella já-mais perdoasse ao falsario e traidor ignobil. Quanta força e amplitude não têm aquellas palavras do prefacio: — *Maria de Neubourg é rainha, mas é tambem mulher!*.. — E Ruy Braz está a morrer, e só aquelles ouvidos de moribundo têm de escutar o perdão de quem tanto amou!..

Cabe talvez neste logar desculpar a pobre Rainha pelo seu amor tão innocente, e tão paltonico. A mesquinha era casada, é verdade; porém estava consumida de desgosto, preza no seu palacio como em um claustro, e via que seus verdes annos tão cheios de illusões iam murchando tristemente: então lhe apparece um nobre mancebo, generoso e sublime; e ella se deixa arrebatada ao coração, e ama, e se embevece desse sentimento, que transportando-a a um mundo novo, a rodeia de brilhantes e róseos so-

inhos: — pobre Rainha! — E o teu esposo!.. Elle a abandona, elle caça ferozes alimarias, em quanto a joven, a bella Maria de Neubourg chora e pena em soledade!.. Mas é-lhe infiel, já ama outro homem, e o castigo não tarda!.. Vêde-o! — esse homem a quem tanto amaste, é um vil lacaio! — horrivel decepção! — Amaldigoaste-o? Morrerá!.. — Se disseres que o amas, morrerá tambem; e tu presenciarás as suas agonias, e as contracções daquella morte de veneno te ficarão inculpidas na lembrança para todo o sempre!.. — E ainda haverá quem julgue minguada a punição do delicto, de seu amor?.. Sim! porque houve em o nosso theatro quem, talvez por falsa ou hypocrita modestia, desaprovasse altamente o Ruy Braz! Quem sabe se porventura seria algum d'aquelles que n'outro tempo tanto applaudiram as *decencias* da Torre de Nesle, e da Lucrecia Borgia?

Já se vê que muitas das censuras que perahi se fazem ao Ruy Braz, inteiramente desaparecem á vista do que temos exposto: passemos a falar do 4.º acto do célebre drama, desse acto prodigioso que tanto ha commovido todos os espiritos. — Disse Mr. V. Hugo em o prologo, que nos daria em D. Cesar de Bazan a comedia que enreda, assim como em D. Salustio o drama que enlaça, e em Ruy Braz a tragedia que desfeixa. — Admittindo sem discussão esta construcção dramatica em quanto ao drama e tragedia, custar-nos-ha a considerar D. Cesar, como a comedia que enreda; pois que não é elle a comedia de Ruy Braz, mas uma comedia no — Ruy Braz. — Chegavamos ao fim do 3.º acto; a Rainha acabava de fazer ao ministro a confissão de seus sentimentos com um ardor algum tanto inconsiderado, e elle tocára o apogêo da sua gloria, do seu poder, da sua felicidade. Mas então a fatalidade, a terrivel fatalidade de Hernani, se lhe apresenta com as feições de D. Salustio, deixa-lhe cair pezadamente sobre o hombro uma mão de ferro, e lhe machuca o esplendido manto de duque, que esconde a desprezível librd do lacaio? Mas deixemos Ruy Braz, esqueçamos essa scena tão cheia de movimento, em a qual o orgulho do senhor e a humilhação do creado tão dramaticamente se representam... Um homem cáe das nuvens! Eil-o a contar suas extravagancias increvíveis, suas inauditas e chistosas aventuras. Este homem era perseguido, como o que não tem leira nem geira, como um criminoso vagabundo; e um palacio é a sua presente habitação: estava esfomeado como um lobo, e acha logo uma *bibliotheca* que encerra os melhores livros e mais cheios de espirito — empadas e garrafas do Xerez: — este homem é pobre como Job, tem o diabo na algibeira, e eis que lhe chove o ouro, como n'um conto

das *Mil e uma Noites*: amantes, mysteriosos duellos, nada lhe falta; nem mudos e *dueñas* ás suas ordens, nem saccos de dinheiro e cartas de amores: — em fim é um sonho maravilhoso e encantado, de maravilha para maravilha até que acorde... n'uma prisão!... — Cae o panno, a comedia findou: comedia viva, animada, espirituosa, palpitante, e por extremo graciosa e divertida; mas que se poderia muito bem dispensar; — é um brilhante intermedio, e o drama váe continuar: de novo elle se ergue altivo no 5.º acto, ou antes 4.º e ultimo acto da peça, que unicamente encerra amor e vingança!

De nenhum modo entra em nosso pensamento a mais leve censura a essa criação phantastica, essa figura original e picturesca, a esse incrível D. Cesar de Bazan. E' elle sem duvida a personificação da comedia; mas nunca da comedia que enreda; porque suspender não é enredar; e D. Cesar se lança per entre o drama, como uma gargalhada estrondosa, ou chocarreiro sarcasmo no meio de conversação grave e séria. Não é portanto D. Cesar a comedia do drama, mas a comedia no drama. — E' entretanto, fóra dos limites da arte, não podemos deixar de ficar agradecidos ao poeta admiravel que extremou em D. Cesar bellezas e graças de espirito e imaginação, que e-curecem os *Panurgos* de Rabelais, e *Falstaff* de Shakespeare; e nos recordam o delicioso *Waldrak* de Walter Scott.

Finalizaremos este artigo, advertindo que, se no drama de V. Hugo se notam defeitos de algum pezo, é justo lembrar-nos da horrivel e profunda lethargia, em que tinha caído a scena franceza quando appareceu cheio de esplendor esse drama aventurero, esse *Hernani*, que galopava pela historia e poesia como per as montanhas onde havia respirado livre, e bebido as puras bafagens d'uma noite limpida das hespanhas. O drama, que dormia um somno de ferro, acordou á voz de Hugo! — ressuscitou de subito á evocação do poeta o drama de Shakespeare, esse drama que se compraz em misturar o riso e a ironia no grupo severo dos vicios, das virtudes, dos crimes e das paixões. — Infelizmente o drama, bem desperto do profundo lethargo, tornou-se vagabundo, audaz, imprudente, descocado, e sem remorsos; serviu-se da espada e do punhal, enamorou-se da primeira prostituta, violou mulheres, e matou rivaes de amor ou de adulterio! — Não se dera em *Hernani* tão licencioso systema; não se encontra elle em Ruy Braz; e todavia dramas indecentes foram applaudidos em o nosso theatro; e Ruy Braz pateado!!!...

Chronica Theatral.

Theatro Normal. = Quinta feira 6 do corrente, foi pela primeira vez á scena um drama intitulado *O Peregrino Branco ou os Meninos da Aldêa*: foi applaudido com entusiasmo, e regularmente representado. — Todos conhecem a antiga novella — *Victor, ou o Menino da Selva*, por *Dumenil*; mas não se tem vulgarisado tanto entre nós (posto que traduzida tambem em portuguez) outra producção do mesmo genero e auctor, intitulada *Os Orfãos da Aldêa*; essa é que deu o assumpto á peça de que ora tratamos. Falta de nexo e obscuridade, são dos seus menores defeitos, peccando muita vez contra o senso commum. Quem não tiver lido a novella (sua mãe) terá de cansar a attenção e o raciocínio para bem colher-lhe o enredo: quem vir duas creanças saltar sobre um soldado armado de espingarda carregada, e tirar-lh'a das mãos, sem mais nem menos, ha de achar que é cousa prodigiosa!

O *Peregrino* é prodigioso, e o nosso publico ainda mais, que está doudo por esta sandice, e não pôde soffrer o Ruy Braz de Victor Hugo. Ouvistes o rouxinol e o pardal: — vistas a rosa e o malmequer: — provastes o mel e o ab-into: qual preferistes?

O papel da Sr.^a Emilia, posto que bem desempenhado, não produz effeito agradável; por mais que faça o trajó, nunca é tanto que possa transformar completamente o sexo. A scena do 2.º acto em que a Sr.^a Emilia lucta com o mordomo, empregando pés e mãos e dentes, faz lembrar o *Gaiato de Lisboa*; e a reminiscencia não é agradável.

Theatro de S. Carlos. = Quarta feira 5 do corrente subiu pela primeira vez á scena a nova opera em dous actos, intitulada *Virginia*, composição do Sr. *Miró*. Não é facil, ou antes seria arriscado, aventurar uma decidida e minuciosa opinião acerca de uma peça, cuja representação poucas vezes se tem presenciado; a novidade do espectáculo, o enredo do assumpto, a curiosidade, e finalmente a estranheza que nos causa uma musica a que os ouvidos ainda não estão afeitos, todos estes motivos dividem a attenção, e pouco ou nada deixam livre para a critica judiciosa, a qual requer meditação placida, e abstracção de tudo aquillo em que não tenha especialmente a mira. — A opera do Sr. *Miró*, agradou geralmente, e foi assás applaudida; o compositor foi chamado ao proscenio e cumulado de saudações per um numero concurso de espectadores. — Abalancamo-nos a dizer que o primeiro acto nos pareceu muito superior ao segundo: a introducção da opera é um treixo de musica excellente,

notando-se-lhe bellas e não vulgares harmonias, e optima instrumentação. — No desempenho distinguu-se especialmente o Sr. *Conti*, o qual váe meirando de dia em dia no conceito do publico: o coro da introdução não foi bem executado; o que não é de admirar, pois que uma primeira representação deve quasi sempre consistir-se um derradeiro ensaio.

Não podemos ainda ajuizar do libreto de *Virginia*, esperamos ter alguns momentos para o ler, e reformar — com conhecimento de causa o que dissemos por *informação* no Numero passado. Não sabiamos tampouco ser esta producção do Sr. *Prefumo*, como por sua reclamação vemos agora, aliás não seria de facil que dariamos crédito a taes informações, e houvéramos evitado o emprego de phrases, que (bem o ante-vêmos) não eram de boa applicação. Esperamos pois, e desejamos, ter sido enganados, e mais desejaríamos ainda acceitar o certame litterario que nos propõe, se em nós houvessem talento dramatico, e lição da lingua italiana, bastantes para emprehender tão arduo empenho.

Theatro do Porto. = Os *Dous Renegados* foram mal recebidos na heroica cidade. Discordam pois os juizos daquelle publico, e do nosso. Uma platêa é o concilio menos infallivel que ha; hoje applaude o que amanhã assobia, — aqui se enthusiasmam pelo que além faz dormir. — D'este facto, aliás indifferente, se deve tirar argumento contra os que de todo o juizo do gabinete appellam para o do publico como para superior tribunal. O *Emparedado* não agradou no theatro de Lisboa: d'ahi quizeram aguir o Conservatorio que o approvára: com que triste fundamento! Dizemos isto, tanto de uma como de outra peça, sem emittir juizo, e como simples historiadores relatamos os factos que vamos consignando n'esta Chronica. Se, quando falámos em o N.º 7 no *Emparedado*, alludimos a defeitos d'aquella peça, não foi aos que nós lhe achassemos, ou podêmos achar, mas aos que notaram os seus impugnadores no Conservatorio. O mesmo dizemos dos outros dramas sobre que o Conservatorio pronunciou formalmente o seu juizo, o qual não glosaremos nunca.



Theatros Estrangeiros.

PARIS. Tem dado muito que entender aos Parisienses a grande Symphonia de Julietta e Romeu, composta por *Berlioz*: esta symphonia leva mais de duas horas a executar, e consta de musica vocal e instrumental; é uma especie de

Opera sem regularidade de acção, mas cujas harmonias estão per tal arte concertadas, que a musica fala ao coração, e abre dilatado horisonte á imaginação. O methodo de *Berlioz* é o seu éstro musico, as leis que segue em suas composições são as que este lhe dicta. E' o *Victor Hugo* da Opera, pois que é elle o primeiro que se atreve a dar de mão a exemplos e preceitos classicos. — Não faltaram todavia risadas, nem odios, para a symphonia de nova invenção! Um italiano que a ouviu disse que era *una porcheria francese*. Um francez, seguindo a sua natural inclinação aos *calembours*, exclamou mui contente de si: — *Ce n'est pas du Shakspeare, mais un chant qui expire!*

M.^{lle} Rachel continúa a obter os maiores triumphos na regeneração do theatro classico; na tragedia *Cinna* de Corneille até dos proprios romanticos foi applaudida.

REAL THEATRO DE S. CARLOS.

Domingo 9 = Opera = *Virginia* = Dança = Os Portuguezes em Tanger.

Segunda feira 10 = Beneficio de Rosina Picco, o 1.º acto de = *Virginia*. O Duetto de Roberto Devereux, cantado pela beneficiada e Mr. Ferretti. O Duetto do 1.º acto do *Belisario*, pelos Srs. Regoli, e Spech. O Duetto, e Tercetto do *Zampa*, pela beneficiada, e Srs. Eckeslin, e Ramonda. O Duetto jocoso, os Loucos por Projecto, pela beneficiada e Mr. Ramonda. Dança Os Portuguezes em Tanger.

Quarta feira 12 = Repete-se o mesmo espectáculo.

Sexta feira 14 = Opera *Virginia*, e um novo baile jocoso, composto por Mr. Astolfi, que tem por titulo = *As Nove Recrutas* = debutará a 1.ª dançarina M.^{lle} Rabel, que veio substituir M.^{lle} Clara.

Grande Galeria Optica.

Exposta no Largo de S. Paulo, nas casas da exc.^a casa de Pombal, n.º 11, em 4 salas de primeiro andar, está patente A TERCEIRA EXPOSIÇÃO todos os dias das 11 horas da manhã até ás 3 da tarde; e das Ave Marias até ás 9 da noite.